

## **COP 15 sem um texto final**

### **Biologia & Ciências**

Enviado por:

Postado em:21/12/2009

Conferência do Clima recusa texto acertado entre EUA, China e Brasil. Com isso, a tentativa de fechar um acordo com metas ambientais para os países ficará para novembro de 2010.

Por Andrei Netto e Afra Balazina - Estadão A 15ª Conferência das Nações Unidas (COP-15), que terminou oficialmente ontem em Copenhague, ficou sem um texto final após o plenário recusar o acordo que havia sido costurado na noite anterior entre Estados Unidos, Brasil, China, Índia e África do Sul. O documento já era considerado pífio porque não previa metas para os países reduzirem as emissões de gases-estufa até 2020. Trazia só um compromisso de impedir a elevação da temperatura em 2°C, sem dizer como seria atingido. Com isso, a tentativa de fechar um texto que permitisse que os países, principalmente os desenvolvidos, fossem cobrados internacionalmente pelo cumprimento das metas ficará para 2010, quando está marcada nova reunião no México. O "acordo de Copenhague", documento firmado por EUA, China, Brasil, Índia e África do Sul, cristalizou o fracasso de duas semanas de negociações diplomáticas e foi recusado ontem pela manhã. Mesmo com 24 horas de debates além do previsto, o documento, permeado de críticas de delegados, foi denunciado por países em desenvolvimento e acabou rebaixado a um adendo da edição de 2009 da Convenção do Clima (UNFCCC). Até o início da tarde, um dos poucos méritos reconhecidos das discussões de Copenhague foi evitar a explosão dos "dois trilhos" das negociações climáticas, como são chamados o Protocolo de Kyoto e o grupo de trabalho LCA, que visa à criação de um novo tratado capaz de comprometer no futuro os EUA. Até o fechamento desta edição, a UNFCCC ainda não havia divulgado quantos países manifestaram apoio formal ao documento, inicialmente elaborado por 25 nações - Brasil incluso. Depois da maratona de negociações de chefes de Estado e de governo, entre os quais dos presidentes dos EUA, Barack Obama, e do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, delegados de países como Sudão, Tuvalu, Cuba, Nicarágua, Bolívia e Venezuela, entre outros, recusaram-se a aceitar o acordo, que precisaria de consenso para ser adotado pela COP-15. "Em termos bíblicos, parece que estão nos oferecendo 30 peças de prata para trair o nosso povo", disse o representante de Tuvalu, uma pequena ilha da Polinésia ameaçada de extinção, referindo-se à proposta de financiamento para ações de adaptação e mitigação. Pelo texto, os países industrializados se comprometem a empregar US\$ 30 bilhões nos próximos três anos - dos quais, US\$ 3,6 bilhões dos EUA -, além de até US\$ 100 bilhões por ano entre 2013 e 2020. O problema: nenhuma instituição operacional, nem meio de governança desse valor sobre criado. Além disso, sem a definição de meta de redução das emissões - a menção a 50% de redução até 2050, já insuficiente, acabou elidida do texto -, o compromisso fica fluido, sem diretrizes. Outra crítica dura de delegados do G77 foi contra o atropelo criado pelas negociações entre EUA - com autorização da União Europeia -, China, Brasil, Índia e África do Sul. Cuba protestou em público contra o que chamou de "projeto apócrifo" e reclamou que houve graves violações de procedimentos, tornando as negociações arbitrárias. Antes de deixar a COP, o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, admitiu que o resultado ficou muito aquém do que era esperado pelo País e criticou o presidente americano: "O prêmio Nobel não está à altura da expectativa que a população do planeta coloca sobre ele". Em seguida, o ministro fez um apelo: "Obama, faça alguma coisa. Ou você vai ter de devolver aqui o prêmio Nobel." Ao longo da manhã, autoridades

internacionais tentaram minimizar o fracasso. Ban Ki-moon, secretário-geral das ONU, afirmou em pronunciamento que "a estrada ainda será muito longa", mas elogiou o documento. Yvo de Boer, secretário-executivo da UNFCCC, disse não concordar que o "acordo de Copenhague" seja uma ruína e chegou a classificá-lo como "forte". Ao final, cedeu, ao responder a um jornalista britânico sobre as ambições da COP-16, em novembro de 2010: "O que temos de tentar alcançar no México é tudo o que deveríamos ter alcançado aqui." Esse conteúdo foi publicado em 20/12/2009 no sítio Estadão. Todas as modificações posteriores são de responsabilidade do autor original da matéria.